

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Jurema Rodrigues

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Jurema Rodrigues é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto, em São José do Rio Preto/SP, criado em 2013, por ela que é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), em 2012. A professora tem vários artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 20 de agosto de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 1 hora, 13 minutos e 50 segundos

Número de vídeos: um

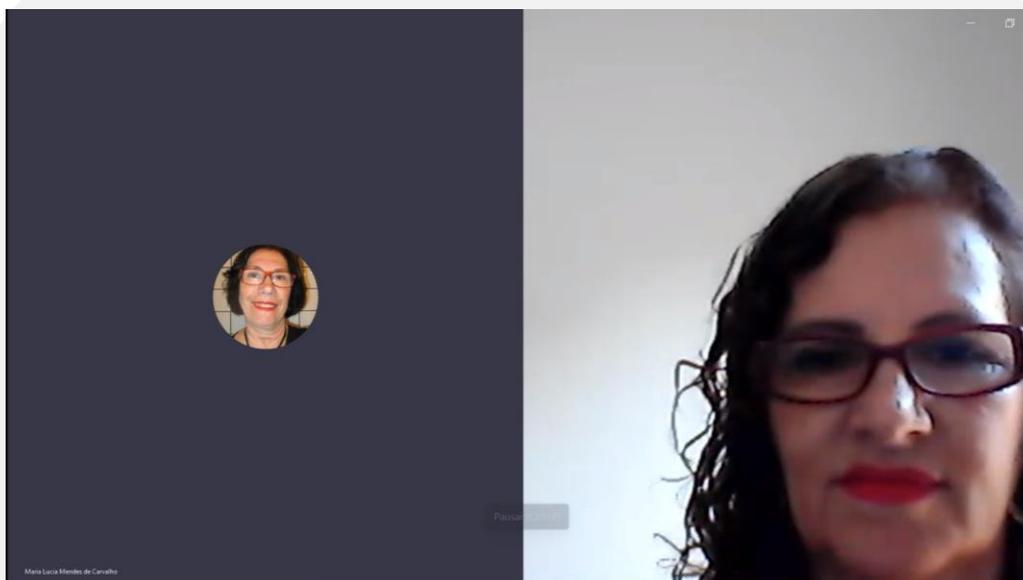
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 24

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume

específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 20/08/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: de 5 de janeiro a 10 de fevereiro de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 18 de fevereiro de 2025

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Boa tarde, professora Jurema Rodrigues, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula

Souza, dentro do programa “História Oral da Educação: memórias do trabalho docente”, principalmente porque você, professora, é curadora do Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêia Netto, em São José do Rio Preto, e foi quem deu origem, quem ajudou a criar esse Centro de Memória. Então, eu gostaria muito que você falasse da sua trajetória profissional enquanto professora, desde a sua formação inicial, a onde você nasceu, onde você estudou, como abraçou essa carreira de Artes, e depois, quando entrou no Centro Paula Souza e como se envolveu com o projeto de Memórias.

Jurema Rodrigues (JR): Boa tarde, eu agradeço essa oportunidade de estar sendo entrevistada principalmente pela professora, a doutora Maria Lucia Mendes de Carvalho, coordenadora desse projeto muito importante para todos nós.

JR: Bom, eu tenho 61 anos, moro com a minha filha, né, minha filha Lígia Rodrigues Oliveira, ela está fazendo doutorado em Química e atualmente eu estou muito realizada, porque hoje eu estou morando na casa que eu construí, meu sonho, amo o meu jardim, minhas flores, e agradeço a Deus pela oportunidade de ter passado por um tratamento, em 2015, e hoje está super bem e com o sonho realizado de uma casa grande, confortável, principalmente nessa época de pandemia, poder estar com conforto. Bom, nasci em 16 de julho de 1959, em São Paulo, lá eu fiquei, nós ficamos pouco tempo, uns dois, três anos, nós mudamos para a região de Ribeirão Preto, que é da família da parte da minha mãe, depois fomos para Minas Gerais, pouco tempo, depois viemos para São José do Rio Preto, no início, em janeiro de 1967, e aqui ficamos todo esse tempo. Então parece que sou mais riopretense do que verdadeiramente de onde eu nasci.

JR: Eu fiz o de primeira à quarta série e, também admissão, na Escola Estadual Ezequiel Ramos, depois eu fiz de quinta à oitava série, que seria o ensino fundamental, na Escola Estadual Professor Justino Gerry Faria. E o ensino médio eu fiz na escola estadual também, Escola Estadual Professor José Felício Miziara. Lá eu fiz o ensino médio, na época profissionalizante, em Patologia Clínica, porque na realidade eu tinha a intenção de fazer psiquiatria, medicina na área de psiquiatria.

JR: Fiz cursinho, mas não foi possível, porque na época que eu estava no ensino médio, o meu pai, ele sofreu um acidente e ficou inválido. Eu era, sou, né, a filha mais velha, antes de mim só tenho um meu irmão, minha mãe teve sete filhos, era muita gente, dependendo, e eu não pude seguir a esse, fazer a medicina, né. E, fui incentivada por uma professora minha, professora Daisy Rollemberg, que lecionava na Escola Felício Miziara. Como ela sabia que

eu gostava de escrever, que eu gostava de literatura, de gramática, da comunicação, ela me incentivou e eu fiz Licenciatura em Letras. Eu fiz uma escola na faculdade particular, na época chamada FARFI, Faculdade Rio-pretense de Filosofia, Ciências e Letras. Terminei em 84, 1984. Estava trabalhando no escritório, eu trabalhava com processamento de dados na área de estoque, no material de construção. Trabalhei por muito tempo lá, sete anos, e não havia lecionado.

JR: Um dia eu encontrei a minha ex-diretora, que foi diretora da Escola José Felício Miziara, Rosa Ciscone, que na época ela estava na supervisão de ensino, e a supervisora, que havia sido minha diretora, falou: - Não, você tem que lecionar. Por que você não está lecionando? Eu falei: - Ah, eu preciso lecionar, mas eu preciso deixar o emprego. Mas, eu precisava de algo que me desse, assim, pelo menos uns meses. Ela falou: - Não, eu vou te arrumar.

JR: Ela arrumou uma licença de gestante, em José Bonifácio, e eu fui três meses para lá, sem experiência nenhuma, só com o que eu tinha da faculdade, mas eu sempre muito criativa, foi uma experiência boa. Mas, claro, cometi meus enganos, é claro, meus erros, e nesse meio tempo também me inscrevi para aulas eventuais e de substituição aqui em São José do Rio Preto. Comecei a pegar essas aulas na Escola Maria Galante Nora, e lá em 1986 mesmo, né, segundo semestre. Em 1987, a diretora de lá, Elinez Martinez, Domingues Martinez, ela gostava muito do meu trabalho, ela falou: - Não, você vai fazer, eu vou te dar um projeto chamado PROFIC - Programa de Formação Integral da Criança. Esse programa foi muito interessante, foi importante para mim, eu tive esse privilégio de poder ter um projeto, porque com o projeto você se atualiza, você tem condições de participar. O aluno, ele ia em um período nas aulas normais, e depois ele ia em outro período comigo, e ela falou: - Eu vou aproveitar esse projeto para você dar reforço aos alunos, inclusive do ensino médio noturno, e além do reforço, eu também fazia outras atividades com eles, até de teatro, de tudo. Fiquei lá três anos com esse projeto, né, PROFIC, bem interessante, depois tive a oportunidade de me inscrever e ser selecionada para trabalhar no CEFAM.

MLMC: Esse projeto PROFIC, ele era dentro da secretaria, onde ele funcionava?

JR: Na Secretaria da Educação.

MLMC: Municipal ou estadual?

JR: Estadual, essa escola era estadual, né, a Escola Galante Nora, Professora Maria Galante Nora. E esse trabalho no PROFIC era da Secretaria da Educação. E aí eu me inscrevi, fui selecionada para lecionar no CEFAM, na disciplina de Metodologia da Língua Portuguesa. Como eu havia feito Pedagogia, eu pude me inscrever e ser selecionada. Lá eu trabalhei, no CEFAM. Primeiro deixa eu falar, né, o CEFAM é Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério, um projeto muito interessante, e eu trabalhei de 1990 a 1995 como professora, depois também, além de Metodologia da Língua Portuguesa, também lecionei Língua Portuguesa e Literatura.

JR: E o CEFAM, ele tinha muitas vantagens. Eu recebia, né, seria como se eu tivesse 32 horas, mas eu trabalhava por vinte e poucas horas, nem 24 e ganhava ao todo por 40. E com isso eu tive oportunidades, toda a capacitação, grande parte da capacitação que eu não pude usufruir na época da faculdade, eu busquei e aprimorei, porque nós tínhamos uns HTPCs verdadeiros, né, que discutíamos realmente textos, artigos, era mesmo assim, o HTPC era realmente formador, não só para os alunos, como para nós, professores.

MLMC: O que era o HTPC?

JR: É hora de trabalho. Reunião, né, para horas de trabalho com os professores. Nós fazíamos esse HTPC toda sexta-feira, reuníamos todos os professores, a pauta da reunião sempre muito boa, os professores sempre, assim, atualizados, e isso foi um crescimento para mim. Eu fui buscando, inclusive com educadores, participei de muitas capacitações que tinha na CENP, né, em São Paulo, também é coordenadoria, né, do estudo, de estudos em São Paulo, e com isso eu fui me aperfeiçoando. Tinha também uma professora aqui em Rio Preto, que ela lecionava na área de Pedagogia, Maria Helena Matos, ela me passou muita coisa, ela me indicou muita leitura, muitos livros, e isso eu fui levando para a sala de aula, porque eu tinha a Metodologia da Língua Portuguesa, eu acompanhava também estágio dos alunos, os alunos eram bem interessados, eles ganhavam para estudar, e inclusive sempre encontro ex-alunos, e grande parte depois prestaram concurso, passaram, porque o estudo lá era muito bom. E então eu fiquei de 1990 a 1995.

JR: Nesse tempo também fiz um treinamento em Língua Portuguesa pela UNESP daqui, Rio Claro, não tive o certificado de que seria pós-graduação, mas foi muito importante. Nesse tempo também de CEFAM, em 1991, eu tive a oportunidade de fazer um projeto que o grupo Vitae, junto com a PUC do Rio de Janeiro, esse projeto chamava “Atualização em Língua Portuguesa para professores de segundo grau”, e eu tive a oportunidade, me inscrevi e as

aulas foram na USP, na cidade universitária em São Paulo. Teve vários módulos, só que eles não deram certificado relativo à especialização pós-graduação, porque eles cortaram, eles explicaram, eles deram certificados de vários módulos. Mas, mesmo assim foi maravilhoso, foi capacitação, foi importantíssimo.

JR: E, nesse meio tempo que eu estava no CEFAM, eu prestei vários concursos, e eu passei no concurso da Secretaria da Educação. E, também o Centro Paulo Souza, quando ele assumiu as escolas técnicas do estado de São Paulo, em 94, ele abriu o concurso, eu me inscrevi e, também passei. No concurso que eu passei, na Secretaria da Educação, eu assumi em 1995, só que eu fiquei afastada, trabalhando ainda como professora no CEFAM, e depois, no outro semestre, o governo cortou o afastamento. Então, em 1996, eu não pude ficar afastada, eu precisei ir para minha sede, né, que eu me efetivei, que foi a Escola Estadual Professor Walfredo Fogaça (Escola Estadual Walfredo de Andrade Fogaça Professor).

JR: Foi, assim, uma experiência muito difícil, porque eu sempre estava no bem bom dos projetos, do PROFIC, e depois do CEFAM, níveis diferentes, chegar naquela realidade de primeiro grau, de periferia, foi difícil, foi complicado. Mas, como eu havia passado no concurso do Centro Paulo Souza, chegou, e que eu fiz em Campinas, né, foi um concurso que o Centro Paulo Souza abriu para todos os professores. Nesse concurso eu competi com os professores do estado de São Paulo, fui classificada, não tinha tantos pontos na casa como outros, mas na hora que eu fui escolher, em 95, nós tivemos a escolha, como a minha filha era pequena, eu não pude escolher, que na hora da atribuição veio para mim em Penápolis, uma escola técnica em Penápolis. Eu chorei muito porque eu precisei, eu não pude escolher, eu precisava ficar em São José do Rio Preto, que eu tinha efetivado, estava no Walfredo Fogaça e, também tinha filha pequena.

JR: E, mas, como diz, o que tem que ser, né, nesse meio tempo também eu havia prestado um concurso de coordenadora pedagógica na Prefeitura de São José do Rio Preto, passei, mas não havia sido chamada ainda. Em 1996, eu me removi para a Escola Adair Fogaça, que era pertinho da outra, né, da Walfredo Fogaça, e de repente eu tenho um telefonema da escola da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, que a atribuição tinha sido errada, tinha tido um erro na atribuição em 96, porque um professor que estava, que assumiu as aulas, né, após o concurso pelo Centro Paulo Souza, ele deixou duas aulas, e a diretora na época era a Maria Carolina Cosenza Araújo. Ela atribuiu essas duas aulinhas em 96, indevidamente, para um professor, professor Geraldo, que inclusive estava após mim na classificação e ele pegou as aulas que eu não pude pegar em Penápolis.

JR: Para você ver, a supervisora na época anotou a discrepância, a Merli (a supervisora Merli Maria Garcia Diniz), falou: - Não, é da professora Jurema Rodrigues. Ela me chamou por sorte minha, porque já tinha sido realizado o horário, o horário já estava fechado, mas nesse inteirinho eu tive a oportunidade de fazer inscrição para ser coordenadora do CEFAM, coordenadora geral do CEFAM, de São José do Rio Preto, que chama professor, chamava, né, CEFAM Professora Lucília Ferrari. Eu só pude ficar com as aulinhas do Philadelpho, que eram duas só, o ano todo, por conta de que eu estava no CEFAM, como coordenadora, então eu afastei, coordenadora eu poderia afastar, eu afastei das minhas aulas de efetiva, né, e fiquei como coordenadora no CEFAM de 96 até julho de 97.

JR: Eu fui eleita, aceita pelos professores, porque lá também tinha esse sistema de eleição, só que eu peguei e estava praticamente entre fogo cruzado, porque o CEFAM ele tinha dois grupos de professores, um grupo muito radical, inclusive todos eram meus colegas, né, e um grupo menos radical. Esse grupo radical, sempre em atrito, contestava a Diretoria de Ensino, principalmente o supervisor Anésio, e eu não consegui, né, seguir aquele radicalismo que eles gostariam que eu seguisse, e acabei tendo uma gestão muito ruim, porque esse grupo foi, a partir da hora que eu não fui a favor, eles foram contra, e fiquei com um grupo a favor, a minha gestão, e um grupo contra, que inclusive foi muito difícil, porque a corda sempre arrebenta pelo mais fraco, né? Eu fui perseguida, eles me caluniaram, só que o supervisor Anésio falou: - Não, vamos fazer uma sindicância para provar. Fizeram, teve sindicância, vieram pessoas da diretoria de Rio Preto, de São Paulo, e viram, provaram que era tudo uma acusação pessoal para atingir, né, a diretoria de ensino, porque o CEFAM também já estava num processo, assim, um pouco fragilizado. Eles, como hoje, eram muito críticos, e estava ficando difícil, inclusive para a Secretaria da Educação. Bom, eu resolvi encerrar minha gestão como coordenadora pedagógica, porque eu falei assim, não, não tem clima. Tinha um grupo que era favorável, que inclusive eles escreveram, eles lutaram, eles provaram documentos a meu favor, favoráveis, e deu tudo certo.

JR: Só que já não dava mais, não tinha mais aquele clima, né, e eu voltei para as aulas. Eu continuei, eu inclusive tive a oportunidade de 97 de ampliar minha carga, porque uma outra professora havia deixado as aulas no Philadelpho. Então, eu fiquei, continuei na Etec Philadelpho Gouvêa Netto, e fui para a Escola Estadual Antônio de Barro Serra. Fiquei nas duas escolas. Depois eu me removi para a Escola Professor José Felício Miziara, que inclusive foi a escola que eu havia feito o ensino médio. E fui para lá em 2000, e fiquei nessa escola até 2012, quando eu me aposentei.

JR: Uma escola muito boa, desde a época que eu estudei, perto de outras escolas estaduais, uma escola muito boa. Lá, inclusive, eles permitiram que o Philadelpho usasse umas salas para a extensão de alguns cursos noturnos, que inclusive eu lecionei, também lecionava na Escola Professor José Felício Miziara, como da Secretaria da Educação, e na parte do Philadelpho, que era a extensão do Philadelpho também.

MLMC: E que disciplinas você ministrava?

JR: Sempre na área de Língua Portuguesa e Literatura, e, também, Linguagem, Trabalho e Tecnologia. Bom, nesse tempo, eu fui me capacitando, prestei vários concursos, eu passei, fui aprovada em vários concursos pela Secretaria da Educação, em 94, 97, 99, 2004, 2010, na Prefeitura também, em 1997, Coordenadora Pedagógica, e no Centro Paulo Souza, em 94. Atualizei, fiz várias atualizações, como eu falei, uma atualização que eu gostaria de mencionar, além de Pedagogia, de Especialização na área de Didática, e, também na área de Psicopedagogia, que eu fiz pela ICEB, em Barretos.

MLMC: Que ano foi?

JR: Foi em 2007, especialização, em 2010, nessa área de Pedagogia e Psicopedagogia, né, especialização, porque eu já havia feito, em 1990, Pedagogia e Administração Escolar, depois, em 95 eu terminei. Eu quero mencionar uma especialização que eu fiz, que foi importantíssima, que eu me senti muito realizada, foi um programa, foi na Unicamp, foi em 2011, 2012, que eu concluí, que eu fiz a monografia, Gênero Notícia, Prática Textual, e a minha professora, né, que foi a orientadora, foi a Roxane Helena Rodrigues Rojo, na Unicamp, em Campinas.

JR: Foi uma experiência muito boa, um crescimento para mim, uma atualização, aprendi muito. Agora, eu gostaria de falar sobre a minha história na Etec Philadelpho Gouvêia Netto, que eu amo, sempre gostei muito de trabalhar lá, como eu digo, eu acho que estava escrito, porque as aulas tiveram que voltar para mim (risos), e eu estou lá desde 1996. Primeiro, eu comecei com duas aulinhas de Língua Portuguesa e Literatura, e o curso, nessa época, os cursos eram curso técnico integral, depois, em 98, com a mudança, os cursos passaram para modular, aí que entra a Linguagem, Trabalho e Tecnologia, que eu também fui professora de alguns cursos, e teve a oportunidade de o governo inserir o ensino médio nas escolas do Centro Paula Souza. E, no ensino médio, eu trabalhei todos os anos, que o Centro Paula Souza aceitou o ensino médio. De 2000 a 2008, aconteceu uma coisa muito interessante,

uma parceria. Quando nós falamos de trabalho de intertextualidade (*interdisciplinaridade*), muitas vezes nós colocamos no papel, mas na prática não acontece. Eu posso dizer que eu trabalhei com intertextualidade (*interdisciplinaridade*), em parceria com a minha amiga, colega, professora, Sueli Mara Oliane Oliveira. Nós fizemos um trabalho de oito anos, nós fizemos uma parceria de teatro. Como funcionava?

JR: Nós tínhamos três salas de ensino médio de primeira série, de ensino médio todos os anos, e nessas três salas nós éramos professoras. Então, nós dividíamos a classe, cada classe, em duas turmas. Cada turma ficava com um grupo de teatro, ela com Arte e eu com Língua Portuguesa e Literatura. E nós desenvolvíamos esse trabalho de teatro, nós estimulávamos os alunos desde a criação da adaptação do teatro, porque nós dávamos obras literárias. Então, nós oferecíamos obras literárias, para cada grupo nós dávamos um nome, uma obra literária, eles teriam que fazer adaptação, eles teriam que fazer roteiro, cenário, figurino, maquiagem, e todo esse processo chegava, culminava na apresentação. Nós apresentamos todos os anos nos teatros de São José do Rio Preto, ora no Teatro Municipal, ora no Nelson Castro, nós apresentamos inclusive no Teatro do Sesc, fomos convidadas, saímos em publicação em jornais. Fomos convidadas para participar do Sesc, mostrar nosso trabalho. Desenvolvemos em todos os anos, foi um trabalho magnífico, os alunos não esquecem, um enriquecimento para eles, tanto na oralidade, como no conhecimento da arte, da literatura.

MLMC: Jurema, você tem registro dessas práticas?

JR: Todo esse material está guardado no centro de memória.

MLMC: Isso dá para fazer um artigo para memórias.

JR: Está lá no arquivo já. Temos fotos, temos tudo, está tudo arquivado.

JR: Aí ficamos nessa parceria até 2008. Mas, a Sueli como ela lecionava também em Mirassol, ela pegou a coordenação, então quebramos esse trabalho porque ela foi para a coordenação de Mirassol, mas eu continuei. Em 2009 até 2011, eu continuei com esse projeto, mas foi diferente, não dava mais para ficar com tantas salas. Então eu fiz o projeto, inclusive um ano foi aprovado, fui remunerada, porque em todos esses anos, eu e a Sueli a gente não tivemos remuneração nesse projeto nosso. Em 2009, em 2010 até 2011, teve um no que eu consegui remuneração, porque eu fiz um grupo de teatro na escola.

JR: Esse meu e da Sueli, até 2008, chamava “Arte e Literatura”, de 2009 até 2011, eu dei o nome de “Philarte”. De 2009 até 2011, esse projeto era assim: - Eu fazia um grupo de teatro com voluntários, quem gostaria de participar, nós apresentamos peças, fomos premiados, tivemos a participação de teatro no Nelson Castro, que eles passam por uma seleção, foi um trabalho magnífico, muito interessante, que eu também tenho guardado no centro de memória.

JR: Em 2011, a Sueli voltou, deixou a coordenação, e ela voltou e ficou comigo um pouco nesse projeto de teatro em 2011, grupo de teatro, novamente uma parceria. Também, quero mencionar que de 2000 até 2010, eu fiz um trabalho também muito bom. Eu sempre gostei de fazer o trabalho com o aluno, para mim o meu trabalho ele é importante, principalmente, porque eu envolvo alunos, e alunos voluntários. Eu fiz um trabalho com o jornal da escola, de 2000 a 2010, eu trabalhei com o jornal na escola, um jornal impresso, e eu tive o apoio, primeiro começou com final da gestão da Maria Carolina Cosenza Araújo, mas que me apoiou mesmo foi o outro diretor, Alberto Moutinho Bastos, ele sempre me incentivou, não era remunerada (risos), foi assim um prazer mesmo e uma satisfação e muitas das coisas, que eu coloco no projeto de História da Educação da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, eu aproveito das notícias que foram publicadas nos jornais da época, não só da minha época, mas de outras épocas anteriores da minha gestão com o jornal. De 2000 então, a 2010, eu fiz um concurso, então os alunos mudaram o nome do jornal que era “Moinho” e passou a ser “Jornal Phila”. Esse jornal eu contava com a participação, tinha os repórteres, jornalistas, tinha a palavra do diretor, também tinha uma coluna interessante que era “Já fui um de vocês”, que entrevistavam pessoas que haviam estudado no Philadelpho e já estavam trabalhando. Então eu sempre mesclava a parte técnica também, porque para mim era importantíssimo. Também estavam registrados trabalhos de professores, trabalhos de diversas áreas e o que era realizado nas mostras pedagógicas da escola, do Philadelpho, é o que estava registrado no Phila.

MLMC: E esse jornal da escola era de que período?

JR: De 2000 a 2010. Depois, eu em 2011, porque para fazer o jornal eu tinha o apoio do diretor e da APM, que buscava parcerias, e tinha que pagar, esse jornal tinha um custo, e pagava. Então em 2011, na gestão de Valéria Regina Donati Anguera, ela falou: - Está difícil Jurema. Mas, tinha um aluno muito bom, que pode dizer que era um hacker, e ele pegou e fez para mim online, então teve algumas edições fiz online para não pagar o impresso. E, também fiz a pedido da diretora Valéria, na gestão dela, a Revista dos 40 anos do Colégio,

desde o Colégio porque que ele começou, ele foi criado em 1970, e as aulas iniciaram em 1971. E ela contou os 40 anos de Colégio, há uma discrepância aí, porque o certo seria desde a fundação em 1956. Mas, tudo bem, eu fiz a Revista dos 40 anos, e eu fiz questão do que eu publicava tinha a participação dos alunos, é claro com a minha eu orientação, com a minha correção, mas as entrevistas com ex-alunos e com professores que haviam trabalhado lá. Eu sempre contei com os meus voluntários, alunos voluntários. Essa revista foi muito interessante porque nós tivemos depois uma festa de homenagem e homenageamos professores, diretores que passaram pela escola, alunos. A Fátima Quintilhiano da Silva, que inclusive ela está na revista, que eu a entrevistei também, tenho essa revista guardada também no centro de memória.

MLMC: Acho que você mandou essa revista para nós, não mandou?

JR: Mandei,

MLMC: Porque eu tenho no centro de memória.

JR: Tem sim, inclusive a capa da revista foi feita uma arte, porque tem o governador Paulo Egydio Martins, e ele estava estreando, na época era moderno e inovação, uma mesa de desenho, de grande porte para a época, porque tem o curso de edificações lá, e ao redor autoridades e o diretor Armando Francisco Poles, que está junto com ele. Bom, eu fiz todo esse trabalho. Quando foi em 2012, a Sueli falou: - Jurema abriu a inscrição para projeto de História da Educação Profissional no Centro Paula Souza, vamos fazer. Fizemos a inscrição, não sabíamos direito o que seria, mas fizemos a inscrição. Participamos da reunião do grupo de estudos e pesquisa “Memórias e História da Educação Profissional”, coordenado pela professora Dra. Maria Lucia Mendes de Carvalho, e fizemos o projeto inserimos o projeto de HAE do Centro Paula Souza e a diretora gostou, a Valéria de Regina Donati Anguera, e nós fomos aprovadas. Fizemos em 2012, foi assim, um começo, um início para nós, porque a escola tinha que chamava quartinho de “arquivo morto” e pelo amor de Deus, só sujeira, só poeira e foi muito difícil de encontrar os dados. Mas nós fomos lá, eu fuçava, tenho uma característica: guerreira, não desisto, fuço, fuço, pesquiso, vou e vou, e eu gosto de encontrar as coisas assim.

MLMC: Então nós temos algo em comum Jurema, eu também quando quero, pode levar dez anos.

JR: Eu sou persistente, eu vou e gosto de confirmar, vejo se realmente bate, vejo aqui e vejo ali. Procuo fazer isso, fazer uma confirmação, fazer uma acareação dos dados. Bom em 2012, não tivemos tanto sucesso. Em 2013, inclusive a minha professora, que está me entrevistando, ela falou assim: - bom, o trabalho de vocês foi bom, mas está muito genérico. Aquilo foi assim muito bom, porque eu corri atrás. Eu falei: - Ah! é genérico, pois espere (risos). Eu corri atrás. Eu fui e procurei trabalhos em várias revistas da Carmen e da professora também que faleceu, qual o nome dela mesmo?

MLMC: A Júlia.

JR: A Júlia, fui atrás, pesquisei, pesquisei, projeto para escrever um artigo tem que ter isso e aquilo, vi todos os dados do artigo, e em uma das reuniões foi falado sobre livros, eu e a Sueli voltando, falamos: - Vamos escrever sobre um livro. E a Sueli falou: - Parece que o Fogaça, professor da área de mecânica falou que tem um livro antigo. Aí eu já entrevistei o Fogaça, o José Rubens Fogaça, professor da área de mecânica, também o professor Edson Belon que também era de mecânica.

MLMC: Foi ótimo esse projeto, eu lembro de detalhes dele.

JR: Foi (tosse).

JR: Entrevistei alunos e escrevemos o artigo, e aí que eu fui ver como escrever um artigo (risos). E de lá para cá, tenho escrito todos os anos, os artigos para participar dos eventos do grupo de História da Educação Profissional, coordenado pela professora Maria Lucia Mendes de Carvalho e desses artigos, três já foram publicados nos livros, em 2014, em 2015 e em 2017. Estou esperando já o próximo.

MLMC: Esse próximo já foi solicitado três (orçamentos) para licitação, e está tudo pronto para mandar, com a pandemia, né.

JR: Que bom, que ótimo.

MLMC: Fez licitação, agora faz um mês que eles disseram que iam dar continuidade. Essa semana que passou, já fazia um mês, mas eles me informaram que iriam dar continuidade e essa semana eu mandei e-mail perguntando como estava. E, está tudo pronto, inclusive com a revisão de português que fez a Fernanda Demai.

JR: Aí, que bom.

MLMC: Tudo. Ainda bem que ela encontrou pouquíssimos erros, porque assim, nós corremos tanto atrás e demora tanto para a gente fazer.

JR: Mas é importantíssimo, porque através desses livros do Centro Paula Souza, não podem deixar de fazer, porque esses livros são registros que ficam guardados, em todas as escolas, vai para a internet e, também tenho um trabalho que foi muito bom e que em 2014 foi publicado, nós fizemos a Maria Lucia né, conosco, junto com a professora de história oral, o nome dela esqueci Maria Lucia.

MLMC: Suzana Ribeiro

JR: Suzana Ribeiro, nossa maravilhosa. Nós fizemos um trabalho de história oral e foi publicado o e-book está na internet, e eu também tenho essa participação, um trabalho assim muito interessante, e tivemos orientações, oficinas de como fazer um trabalho, primeiro uma entrevista de história oral, e depois a transcrição, e é o que eu tenho feito desde então, tudo baseado nessa capacitação que gerou um livro, e-book que está na internet, foi para a internet em 2014.

MLMC: E terão novos e-books que nós estamos montando devagar, mas estamos montando desde esse programa.

JR: E através desse treinamento e desse e-book que foi publicado em 2014, nós temos feito essas entrevistas de história oral e as transcrições que temos feitos estão hospedadas no site do centro de memória do Centro Paula Souza e, que também é importantíssimo. Por quê? É importante para todo mundo, para a comunidade escolar, para as pessoas que são entrevistadas, para nós entrevistadores, para o centro de memória, do próprio Centro Paula Souza e para a nossa história, a história da educação profissional. Um orgulho para todos nós.

MLMC: Eu acho importante Jurema e você pode observar nas entrevistas que nós sempre trazemos a memória aqueles professores que foram marcantes nas nossas vidas.

JR: Sim

MLMC: Então é importante a gente deixar o registro da nossa trajetória, como é que foi acontecendo para deixar para outro, até porque esse trabalho nosso é um projeto de 22 anos, e que começou com a Júlia Falivene Alves em 96 e 97, e nós estamos juntos há quase 12 anos.

JR: Sim.

MLMC: E nós temos que deixar para os outros que vão continuar depois esse trabalho, quando a gente não estiver mais por aqui.

JR: É verdade. E, em 2012, nós tivemos a ideia de montar o Centro de Memória da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, depois quando teve a ampliação do prédio fizeram uma biblioteca maior e, na época, na gestão da diretora Valéria, e ela era me deu um espaço para colocar o centro de memória lá.

JR: Colocamos o centro de memória lá. Lá tem o arquivo, lá tem vários objetos, tem o acervo tanto de livros antigos que estão lá, que já pertence ao centro de memória. Álbuns de fotografias antigas da escola, que eu montei da história da escola. Temos lá as minhas publicações, porque eu publiquei três livros, um em 2014, que eu falo do sr. Clóvis Sanfelice, dois livros em 2015, com ISBN que eu também coloquei o registro que foi a apropriação de espaços da Etec Philadelpho Gouvêa Netto, e o laboratório de mecânica e mecatrônica da Etec Philadelpho Gouvêa Netto e também estão registrados fatos e histórias. Os acervos muitos objetos e maquinários usados estão lá nos livros.,

MLMC: Temos os dois livros que você mandou para nós no centro de memória.

JR: E que são registros importantes. O Centro de Memória também tem vários troféus, nós temos lá muitas fotografias, nossa tem muita coisa. Tem dois painéis com imagens do centro de memória, quando eu tenho que mostrar. Em 2019, o ano passado, teve um acontecimento muito bom, na gestão, do Willians Pizolato, diretor na época da Philadelpho Gouvêa Netto, ele me deu incentivo para montar a Galeria dos Diretores, e sempre envolvendo meus alunos. Em 2019, para montar a galeria dos diretores eu peguei fotos. Mas, os diretores que passaram pela gestão da escola, nem todos tinham fotos que dariam para ampliar, então os primeiros diretores o que eu fiz? - Eu levei algumas fotografias que eu tinha para o fotógrafo no centro da cidade, e mostrei para o profissional e ele disse assim: - não tem condições, não tem como fazer a ampliação, elas estouram.

JR: Então o que eu fiz? Nós temos muitos alunos que são artistas, que desenham bem, e eu pedi para fazerem o desenho, em grafite, no tamanho de 30 x 40 que era o tamanho dos porta-retratos que pegamos para os diretores da galeria, eu tive a ideia junto com a Sueli, e ela me orientou aquele aluno é bom, aquela aluna é boa. E eu olhava e muito exigente, dizia: - não está muito bom, precisa melhoria aqui. Eu sempre incentivando, comprei bastante papel e comprei o lápis certo para eles, e isso foi indo e quando já estava pronto e eu pedi para passar para o papel certo.

MLMC: Isso dá um artigo, todas essas práticas, eu mostrei as fotografias lá na Cetec e eu não me lembro da pessoa que me disse, agora, mas ela disse: - isso está muito bem-feito. Observou muito os traços. E disse que isso não é fácil fazer. Mas ficou elogiando tanto, e eu falei: - Eu também acho. Ela ficou elogiando muito os traços.

JR: E não valia nota, porque não vale nota e eu sempre peço para os alunos, mas eles aceitam. Professora pede com jeito e quando eu peço para me ajudarem em alguma transcrição, eu já aviso é voluntário. Então os alunos fizeram, incentivei, depois eu tive que cobrar, enfim, depois eles passaram para o papel correto, mandei fazer a transcrição e, também levei para o meu diretor da época incentivou e, também conversei muito para a APM pagar os porta-retratos, fizemos uma textura na parede e coloquei molduras de gesso para ficar uma coisa apresentável e para ficar tudo certinho. Daí tudo pronto, vamos fazer a inauguração da galeria, e daí mandei os convites, convite bonito, mas não coloquei diretores que substituíram, e depois, eu fiz uma homenagem geral para aqueles que tinham substituídos, e que se sentissem homenageados também, e daí todos os diretores foram convidados e os diretores que as famílias dos diretores que haviam falecidos. Uma outra coisa que eu preciso colocar é que foi uma investigação para achar alguns ex-diretores. Porque o primeiro diretor Wuilliam Kfour, ele foi embora, ele começou em 1956 e ficou pouco, e em 1962 foi embora para a área de Cubatão, e ninguém sabia o paradeiro. Por sorte, o diretor Willians Pizolato, que estava na gestão dele, de 2019, encontrou e ficou perguntando e não é que conseguimos achar o neto e por conta disso conseguimos uma foto para poder fazer o desenho, porque muitos registros não têm foto.

MLMC: Jurema eu estou que nem você, porque agora na pandemia, eu descobri a família de um superintendente nosso e porque eu estou pesquisando para escrever um artigo sobre o cinquentenário do Centro Paula Souza, abrangendo as Fatecs e tudo mais. E daí me faltava subsídios para poder entender melhor, e daí eu comecei a ir atrás, e fiquei sabendo da neta

que fez pós-graduação agora esse ano, que defendeu o mestrado, e através dela eu descobri o nome, do nome eu descobri na internet e olha está sendo assim.

JR: E quem é?

MLMC: Isso para a gente entender o fundo e os grupos dentro da nossa instituição nos centros de memória, né?

JR: O diretor Olavo Fonseca, eu vi que ele era de Ourinhos, eu entrei na internet, mas não tive, eu digitei a nome da escola “Josefa Navarro Lemos”, porque ele veio dessa escola que na época era artesanal, e aí fui investigando, investigando, e conversei com a Eunice (Eunice Corrêa Sanches Belloti) que faz parte do nosso grupo de Ourinhos, e ela conseguiu uma cópia da carteira de reservista do diretor Olavo Fonseca, do professor e foi através dessa cópia, olhe só, foi através dessa cópia e ainda difícil de visualizar, que o meu aluno desenhou. Fez o desenho dele na época, então foi uma trajetória de investigação e depois eu fiquei sabendo quando eu liguei no cartório e fiquei sabendo que ele havia falecido em São José de Rio Preto. Teve um outro diretor, Sérgio Miola, que ele era desenhista e músico no documento, muito importante, mas ninguém sabia de notícias e eu investiguei e depois no Philadelpho fiquei sabendo que ele foi para a escola “Voluntários de 32”, e eu fui lá. Tive a coragem e pedi para o secretário da escola permissão para ver o prontuário do diretor. Tirar foto, e daí, o secretário, muito sério tampou tudo lá, mas eu fiquei com o meu celular e tirei uma foto dele, e foi através daquela foto que fizemos o desenho, o retrato do Sérgio Miola. Então foi assim uma loucura para achar todos os dados.

MLMC: Agora, você tem que escrever todas essas histórias.

JR: É verdade (risos). Foi...

MLMC: Quando você for fazer o catálogo do Centro de Memória, essa galeria merece um destaque.

JR: Merece.

MLMC: Você aproveita e põe, escreve um capítulo sobre tudo isso que você está falando comigo.

JR: É verdade

MLMC: É importante esse registro, inclusive por causa dessas sagas suas, não é?

JR: É uma saga, falando em saga, este ano eu até compartilhei com você Maria Lucia, a questão do nome da escola, que recebeu do patrono do antigo Ginásio Philadelpho Gouvêa Neto, e na verdade esse nome não está correto, porque é Philadelpho Manoel Gouveia Neto (*nome da certidão de nascimento*) com um “t” só, inclusive têm vários lugares, que tem avenida com nome correto dele. Não sei por que a escola, inclusive foi na gestão do diretor Júlio Abadde de Limeira, (*Júlio Américo Barbugli Abbade*) que eu entrevistei esse ano e perguntei a ele, por quê? E, ele disse: não sei dizer.

MLMC: Não tem decreto? Você chegou a encontrar decreto?

JR: Sim eu encontrei. Mas, o que eu fiz: - entrei na internet e procura, procura E através da outra escola que havia sido, que também recebeu o nome do patrono e passou para, teve oportunidade de pôr o nome do patrono, através dela que eu consegui o decreto, e no decreto tem mais um problema que aconteceu, no decreto saiu Ginásio Estadual Industrial Philadelpho Gouvêa Neto, Neto com um “t” só. Não sei por que, até parece a frase “a batatinha quando nasce esparrama pelo chão, e não espalha as ramas pelo chão”, que no decorrer dos anos, na década de 80, incluíram mais um “t”, e quando o Centro Paula Souza assumiu a escola, já foi registrado com dois “t”. Então, hoje, nós temos que manter “Philadelpho Gouvêa Netto” com dois “t”. Nesse artigo que eu escrevi esse ano para participar do encontro, é o sexto encontro, né Maria Lúcia, esse ano.

MLMC: É o sétimo encontro.

JR: Perdão, sétimo encontro, nesse artigo do sétimo encontro que eu escrevi, eu deixei registrado isso. Inclusive como eu escrevi que na década de 60 e 70, até 1969, eu pus um “t” só, porque até 1969 com todas essas pesquisas minhas, ainda tinha um “t” só, e depois a partir de 80, que passaram não sei por que, a incluir mais um “t” (risos). Mas então essas histórias, a gente vai descobrindo, mas como eu disse: - Fui atrás, até a prefeitura para saber se teve uma homenagem, se está registrado, ou se tem registro porque eles me disseram: - não isso foi erro do estado, não foi feito pela prefeitura. E eu queria ver porque o Philadelpho Gouvêa Netto foi muito importante, ele foi prefeito e inclusive ele que foi um incentivador que trouxe a Unesp, na época era FAFI (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) e depois Ibilce

para São José de Rio Preto. Ele foi um incentivador também da escola Philadelpho, porque eu fiz inclusive nesse artigo de 2020, eu coloquei como a escola foi criada, o Jânio Quadros autorizou a nossa escola que era escola artesanal, mas era denominada como curso prático ainda, foi autorizada através de um bilhete para o secretário, olhe só. E o Philadelpho na época ficava junto com o prefeito e uma das reportagens que eu achei sobre a implantação da escola artesanal em São José de Rio Preto, ele questiona sobre o problema do prédio, e é o nome dele que constava na prefeitura. Então ele faz parte da nossa história também. Agora essa questão de nome é complicada, porque quando eu fiz pesquisa sobre o Philadelpho Gouvêa Netto, na Biblioteca daqui de São José de Rio Preto tinha muitos erros no nome dele, inclusive no dia que ele faleceu, puseram o edital do nome dele com “f” e não com “ph”, então essas histórias acontecem e a gente vai descobrindo.

JR: Agora voltando a galeria dos diretores a homenagem foi maravilhosa, eu quis, não vamos fazer uma festa, homenagem, convidei as autoridades, convidei o Centro Paula Souza, todo mundo, e o prefeito também estava presente, as famílias dos ex-diretores, os diretores também vivos e as famílias tanto dos vivos como dos que haviam falecidos foram, fizemos uma homenagem, demos um mimo que era uma espécie de homenagem para eles, um retrato de vidro, ficou bonito, chamei a banda municipal, chamei o maestro, e então teve violino e música, foi assim emocionante. Todos emocionaram e, assim, foi maravilhoso, eles ficaram muito satisfeitos, as famílias ficaram satisfeitas, e depois fomos fazer a inauguração, depois da homenagem a eles, fizemos a inauguração da galeria que temos os registros, foi também muito bonito, tiramos fotos, foi maravilhoso, e tivemos a participação dos alunos.

JR: Mas, Maria Lucia, agora o que está atrás dos bastidores. Que me vê, me vê na foto, toda de longo, tudo maravilhosos. Foi uma loucura, por quê? Num dia antes, eu requisitei o auditório, porque nós faríamos a homenagem aos diretores no auditório, requisitei para que ficasse limpo, tudo. Cheguei às 7 horas da manhã, falei: - Sueli, “parceira de sempre”, me ajuda, quando ela foi lá, ela falou: - Jurema, todo o pessoal, os fotógrafos que fizeram as fotos para os formandos que eles gostam de tirar as fotos antes, deixaram tudo lá no camarim, deixara tudo lá. Ah, Maria Lucia, mas eu não entrego os pontos, falei: - Ah! é? Fui lá perguntei para a faxineira, e a faxineira falou: Ah! fazer o quê. E não comunicaram para mim que já tinha tudo certinho que já tudo agendado, tudo oficial, registrado. Fui lá em uma sala, peguei meus alunos, fui com a sala inteira e falei: - Todo mundo ajudando a professora, peguem tudo que está aqui e levem nos dois camarins, eu não vou precisar dos camarins. Foi uma loucura, guardamos tudo, colocamos já, limpou, limpamos, os alunos ajudaram a limpar o que as faxineiras não haviam feito. Já colocamos a mesa, viemos com a toalha, o diretor já trouxe as

bandeiras, (risos). Colocamos, ajeitamos tudo, colocamos a mesa depois para o café. Quem me viu e chegou depois, aí fui lá ao banheiro troquei de roupa, me arrumei, pus um sapato, uma sandália alta e fui. Quem viu aquele cenário não percebeu os bastidores. (risos)

MLMC: Você me fez lembrar que quando eu entrei na Etec Carlos de Campos, eu entrei em 2000, não entrei em 2001, eu entrei no meio do ano eu entrei no projeto de Historiografia, e daí em 2001, nós fizemos aniversário, 90 anos, setembro faríamos 90 anos, eu ajudei a organizar a festa. Então o que eu fiz: eu estava a pouco tempo na escola, eu envolvi os meus alunos também de nutrição e nós fomos lavar a escola, só que eu não sabia que eu tinha que pedir, primeiro que eu não podia usar os alunos para fazer esse trabalho na escola, e ME deram maior bronca depois, mas eu não sabia nada disso, só sei que nós lavamos aquelas escadarias de mármore e ficou toda branquinha e tudo limpo. Porque eu pensava assim: - Nós vamos convidar professores que estudaram aqui na década de 30, na década de 40, assim já com bastante idade, onde eles se preocupavam enormemente, né, assim, com a questão de higiene e com a questão de organização, então eu não tive dúvida de cuidar da escola, não me arrependo não, porque ficou muito bonito, a nossa festa ficou linda dos noventa anos mesmo com a bronca que eu levei. (risos)

JR: Não, não pode arrepender.

MLMC: E ninguém sabe, agora que estou contando. (risos)

JR: É inclusive, os fotógrafos são os meus alunos, filmadores meus alunos. Eu já vou atribuindo assim: - você vai fotografar, você também tira foto, você faz isso, faz aquilo. E depois também falei: - Quero alunos. Então minha classe, os alunos que estavam comigo, e que teriam aula com a Sueli, fomos, não poderíamos chamar a escola toda que não dava certo. Então tinha alunos, tinha tudo, e foi muito bom e maravilhoso, todos ficaram satisfeitos. E nós temos esses registros. Inclusive, nesse, todo esse tempo de quarentena, na semana passada eu fui à escola para pegar os DVDs, que eu tinha deixado do professor Armando, que eu tinha pedido para um técnico, para descarregar da filmadora que o aluno filmou para mim, mas quem descarregou foi esse técnico, mas ele deixou no meu armário, e eu fui buscar, e eu tinha uma cópia pelo celular, mas não era a mesma coisa porque eu tinha feito uma gravação também que deixei no meu celular quando eu fui fazer a entrevista, foi a minha sorte, e quando eu fui fazendo a entrevista e o que estava na filmadora. Bom quando eu estive lá, eu olhei assim na escola, foi uma sensação muito estranha, parece que o tempo tinha parado, eu olhei no pátio, eu olhei na galeria dos diretores, perfeita, (risos), intacta, tudo

certinho lá, estava lindo, maravilhoso, olhei um painel que eu havia feito com os meus alunos, sobre leitura, incentivo à leitura. Ah, a gente olha assim, eu olhei principalmente para a galeria dos diretores, e falei isso vai ficar para sempre...

MLMC: Jurema

JR: É muito importante.

MLMC: Eu vou ter que interromper, infelizmente, a nossa entrevista está muito agradável, porque eu tenho feito entrevistas entre 30 e 50 minutos.

JR: Nossa nós festamos falando demais.

MLMC: E como a nossa, eu acabei me envolvendo (*risos*), e como boa ouvinte que eu gosto de ser, e vou ter que interromper, porque nossa entrevista dobrou o tempo, eu vou transcrever a entrevista e vou te mandar porque é um trabalho de duas mãos, então vou te enviar a transcrição e os termos de autorização. Então, eu quero te agradecer muito você ter concedido essa entrevista, hoje para nós que é dia 20 de agosto de 2020, nessa época difícil que é de pandemia.

JR: Eu agradeço, foi assim, é gratificante poder relatar não só o meu trabalho, mas o nosso trabalho, nosso trabalho de história oral do Centro Paula Souza, e especialmente da Philadelpho Gouvêa Netto.

JR: Muito obrigada

MLMC: Obrigada.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centros de memória

Etec Philadelpho Gouvêa Netto

Centro de Memória

Curador

Jurema Rodrigues

Sueli Mara Oliani Oliveira

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Unidade de Ensino Médio e Técnico

GEPEMHEP

Teatro

Jornal Escolar

Patrono

Julia Falivene Alves

Carmen Sylvia Vidigal de Moraes

Laboratório de Mecânica e Mecatrônica

Galeria dos diretores

Dados Biográficos da Entrevistada



Jurema Rodrigues. Licenciada em Letras pela FARFI - (1984). Licenciatura Plena em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar 1º e 2º graus pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” - Barretos/SP (1986). Magistério Matérias Pedagógicas de 2º grau pela Faculdade de Educação “Antonio Augusto Reis Neves” – Barretos/SP (1992). Pós-Graduação “Lato Sensu” Mod. Especialização em Língua Portuguesa - UNICAMP (2013). Professora de Língua Portuguesa e Literatura da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de 1986 a 2013. Professora de Língua Portuguesa e Literatura (1996 a 2024), de Processos Criativos (2024), de Laboratório de Mediação e

Intervenção (2024) da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional do Centro Paula Souza - GEPEMHEP desde 2012. Curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto desde 2013. Palestras temáticas relacionadas à História da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto apresentadas no Centro Paula Souza, São Paulo de 2015 a 2023. Autora de Artigos relacionados à História da Escola Técnica Estadual Philadelpho Gouvêa Netto publicados nos Livros do Centro Paula Souza, São Paulo, organizadora Maria Lucia Mendes de Carvalho, nos anos de 2015, 2017, 2018, 2020, 2021, 2022, 2023. Autora das publicações historiográficas registradas no site da Etec Philadelpho Gouvêa Netto:

Dados Biográficos da Entrevistadora



Maria Lucia Mendes de Carvalho - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da

Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

Anexos (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Jurema Rodrigues

Termo de uso de Imagem de Jurema Rodrigues

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Jurema Rodrigues